

ANO V
1947

1620
PREÇO 800

DIÁRIO POPULAR

LISBOA

5.ª feira

3

Abril

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 47 — Telefones: 29201/2/3 — Telegramas: «Popular»

QUEM DÁ MAIS? RENDAS DE CASA EM LEILÃO E LIMPEZAS POR CONTA DO ARREMATANTE!

Um leitor explica-nos, com pormenores, a sua peregrinação dolorosa de ex-futuro inquilino de uma casa de renda razoável.
Este nosso leitor queixa-se — e estamos absolutamente ao seu lado — do que lhe tem acontecido no

decorrer de tentativas árduas em busca de alguns metros quadrados de terreno coberto de telhas (ele já não discute a ausência das paredes) onde lhe seja possível dormir, e cozinhar os gêneros do raciocínio comprados com o dinheiro que lhe sobeja, todos os meses, depois de pagar o aluguer dos ditos metros quadrados de território nacional.

São às centenas os leitores que nos escrevem, diariamente, a falar das aventuras em que se envolvem para tentar meter o pé numa habitação rudimentar como a que decoremos nas expressivas linhas anteriores.

Tiramos a carta de hoje, ao acaso, da pilha das cartas irmãs que se amontoam nas mesas da redacção. O sr. J. C. conta-nos, entre outras misérias, ter-se dirigido, ansioso, ao n.º 111 da Rua Lopes (ao Alto de S. João) onde se anunciava um rez-do-chão direito e não só direito como também possuidor de paredes, além do telhado com que o leitor se contentava. Simplesmente, colado na porta do prédio, havia um letreiro que dizia ter já a senhoria recebido oferta de 750 escudos de renda. Aguardava melhores ofertas e pediu, igualmente ao maior licitante a quantia de 4.200 escudos (que nos parece muito comediada) nestes tempos ambiciosos a pretexto de «pequenas limpezas» que fizera na habitação posta em praça.

(Continua na 8.ª pag.)



Vestido de noite em cetim branco (Modelo Paquin, denominado «Páscoa 1947»)

«SE A FRANÇA TRANSIGISSE OU CEDESSE

NÃO ERA SÓ A INDOCHINA QUE PERDERIA

MAS MUITO MAIS DO QUE A INDOCHINA...

- afirmou o Presidente Ramadier à Imprensa estrangeira

Do nosso redactor-correspondente em Paris
JOSÉ AUGUSTO

«Abaixo a guerra».

«Independência para o Viet Minh».

Ao lado das duas frases escritas a giz nas paredes cinzentas e prosa, um cartaz berrante; num muro de telhados, sobre-se uma brecha por onde se vê mar azul e um juncal de lagos, velas pendiam em baxio; a legenda: «para libertar a Indochina, alistai-vos nas tropas coloniais».

Junto à sala Wagram, a polícia dispersa os manifestantes que reclamavam a independência para o Viet Minh e a cessação das hostilidades; os feridos recebem curativo nas farmácias do bairro, os outros passam horas ao posto de polícia e são postos em liberdade. Retalho de uma conversa ouvida: «Se Liante tivesse cedido, teríamos perdido Marrocos... A situação agora é a mesma... A Indochina...».

O almirante Thierry d'Argeville, que abandonou o burel monástico para correr ao chamado do general De Gaulle e servir na frota dos Franceses Livres,

— parte de Paris para o seu posto de comando na Indochina distante e em atmas, certo da confiança do Governo e da política a seguir. Política de firmeza e de força. Menos de dois meses mais tarde, o almirante regressa a Paris, O Governo presta-lhe a homenagem

(Continua na 3.ª pag.)

PEÇO A PALAVRA

PROF. OLIVEIRA GUIMARÃES

pelo prof. DELFIM SANTOS

Para todos aqueles que algum dia em Portugal se interessaram por questões de educação não é estranho o nome, nem é estranha a obra, do Prof. Oliveira Guimarães, o jovem professor que em breve atinge o limete de idade. A sua juventude afirma-se pela abertura de alma a todo quanto é novo, pela sua inultrapassável capacidade de leitura e estudo, e ainda pela sua funda ansia de aprendizagem e compreensão de tudo quanto se refere à ciência do homem na sua fase escolar. Mas não ficou limitado a Portugal o conhecimento do nome e da obra de Oliveira Guimarães. As organiza-



«Sir» Alan Cobham ao ser entrevistado para o «Diário Popular»

NO CEU DE LISBOA VÃO SER FEITAS EXPERIÊNCIAS DE REABASTECIMENTO DE AVIÕES «SIR» ALAN COBHAM

grande pioneiro da aviação, fala ao «Diário Popular»

sobre as vantagens do processo

de fornecer gasolina a aparelhos em voo

Já havia combóios-tanques, navios-tanques e camions-tanques, e dentro de um mês vamos ver, no céu de Lisboa, aviões-tanques!

Eis a notícia sensacional que nos deu «Sir» Alan Cobham, grande pioneiro da aviação inglesa e esforçado empreendedor do sistema de abastecimento de aviões em pleno voo.

Tivemos ensejo de conhecê-lo ontem à tarde, nos escritórios da British South American Airways, por intermédio do «wing-commander» Hall, que dirige em Lisboa aquela importante empresa.

Com o tempo tomado para outras e importantes entrevistas com entidades oficiais da aviação civil portuguesa e a horas de partir para o aeroporto de Santa Maria, «Sir» Alan Cobham dispôs-se no entanto a prestar-nos declarações sobre o objectivo da sua viagem a terras portuguesas.

— Vim tratar das experiências a efectuar nos aeroportos de Lisboa e Santa Maria com aviões-tanques, que abastecem outros aviões em pleno ar.

A primeira vista, a ideia não nos sorriu. Então, os aviões em vez de se abastecerem nas nossas pistas internacionais passariam a receber

no ar a quantidade de gasolina necessária para os grandes percursos? Pareceu-nos que isso afectaria o movimento dos nossos aeroportos, mas como o leitor vai veri-

(Continua na 4.ª pag.)

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE HITLER—(5)

O ISOLAMENTO DA CHANCELARIA

E UM DESMAIO DO FÜHRER

NO SEU ÚLTIMO CONSELHO DE GUERRA

Exclusivo em Portugal do «Diário Popular»

No artigo de hoje, quinto desta série que o «Diário Popular» está publicando e que tão grande interesse tem despertado entre os nossos leitores, resumem-se as impressões da aviadora Hanna Reitsch sobre duas das personagens presentes no abrigo da Chancelaria do Reich — Eva Braun, a mulher apaixonada por Hitler, e Martin Bormann, que as autoridades aliadas suspeitavam andar fugido e foi condenado à morte pelo Tribunal de Nuremberga.

(Continua na 3.ª pag.)

BEVIN FOI ACORDADO AS 3 DA MANHÃ

por causa duma aposta

MOSCOW, 3. — A campanha do telefone da Embaixada da Gr. Bretanha, nesta capital, tocou dia, às 3 horas da manhã. O telefonista, mostrando grande excitação, foi bater nos aposentos Bevin, para lhe comunicar que «Cosa Branca», em Washington, se desajustou falar com urgência. Bevin levantou-se e foi atender o telefone. Do outro lado do parafarizava: «Sr. Ernest Bevin», ao que o Ministro dos Estrangeiros da Inglaterra, respondeu, imediatamente, que sim.

Voltaram a insistir: «Mas é realmente em pessoa o sr. Bevin?»

«Sim, sou eu, realmente», disse o chefe do «Foreign Office». Então, uma voz forte, voltou a dizer:

«Muito obrigado sr. Bevin. Estou realmente contrariado pelo trabalho que lhe causa, mas tenho paciência, porque acabei de ganhar uma aposta de 1.000 dólares, a qual consistia em como eu não gozava de falar com Bevin pelo telefone, em Moscovo. Mentira-lhe-ei, sua, lambrosco. — (U. P.)»

DEZ MORTOS

no incendio de uma fábrica

de fogo de artifício

CLINTON, 3. — Registou-se uma explosão numa fábrica de fogo de artifício desta cidade, havendo 10 mortos e muitos feridos. Após a explosão, as chamas envolveram o edificio, que ficou totalmente destruído. — (U. P.)



Hitler e Eva Braun fotografados na Chancelaria do Reich

ESTE NÚMERO
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

BREVEMENTE O «DIÁRIO POPULAR» PUBLICARÁ O ESCÂNDALO JOANOWICI

A HISTÓRIA DE UM JUDEU RUSSO QUE FOI TRAPEIRO, AGENTE DA «GESTAPO», CHEGOU A MILIONÁRIO E É AGORA PROCURADO POR TODA A POLÍCIA DE FRANÇA

O CÉU PRECISAVA DE MAIS UM ANJO

A missa da uma, na vasta igreja matriz, registrada como monumento nacional, terminava. Toda a população católica daquela cidade provinciana, cumprida a obrigação domínica, regressava ao silêncio reconfortante e bem desejado nesse frio começo da tarde. O chicote inclemente de um vento agreste esperava os fiéis, à saída do templo, e fazia-os tirar as mãos escondidas, nos bolsos dos abaços, para levantarem as goiás dos sobretudo, gabardinas ou casacos.

D. Casimira já sabia que, lá fora, estava frio, e, como almoçava antes de ir para aquela missa, onde a sua presença, aristocrática e ostensiva, constituía, em seu alto parecer, necessidade ainda mais indispensável ao acto de culto do que o missal sobre o altar, a opulenta fidalgia, respeitosamente seguida, a alguns passos, pela silenciosa criada Martinha, entrou pela sacristia dentro, com o fim de fazer a visita habitual ao Sr. Prior.

Este já contava com aquela hemodanária penitência post-missam, em desconto dos seus pecados. Mas a fidalga mais rica da terra, a benfiteira sempre elogiada, com copiosa adjectivação, no jornal da cidade, era quem subsidiava largamente os actos do culto; que, para as festas do orago, sempre tirava um manto novo para a Virgem, uns sapatinhos de prata para o Menino Jesus, uma lampada cara para o altar do Santíssimo.

O velho prior, com a prática de muitos anos de confessorário, conhecia bem os parquianos. Sabia-lhes das fraquezas, ainda mais que dos pecados.

No seu intimo, sentia que a tímida moeda de vinte centavos, deitada, recosamente, na bandeja, pela triste viuva da Ponte, que, a fazer recados, a esfregar casaca e mesmo, envergadamente, a esmolar, não ganhava para ela e para os cinco filhinhos, esse seu óbolo valia mais, aos olhos de Deus, rendia maior juro no Banco do Céu, do que os contos de réis que a rica D. Casimira dava à igreja, ao soma da campanha estridente dos elogios do jornal, sempre, extraordinária e antecipadamente, bem informado, dos rasgos benemerentes da alma diamantina da nossa caritativa aristocrata.

O ruge-ruge de sedas foi o arauto anunciador, aos ouvidos resignados do sacerdote, da aproximação da illustre D. Casimira.

Entrou no cártiro paroquial, cumprimentou ativamente o Prior, instalou-se, imponente, numa cadeira, e, com os olhos claros e frios no rosto pergaminhado do padre, começou por se queixar, primeiro, do frio, e, depois, do facto de estar pouca gente à missa.

— Falta de fé cada vez maior, sr. prior! Falta de fé! Tem que pregar mais, tem que chamar à ordem o rebanho tremalhado! Veja lá quantos rapazes da catequese estavam à missa! Apenas uma dúzia, se tanto! Uma vergonha! O sr. tem que os castigar,

Um conto por dia

por JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

tem que os apagar! menos, tem que lhes dar menos rebuçados...

— Coitados, D. Casimira... A maior parte deles são rapasitos pobres a quem uma modesta guloseima representa um radioso vislumbre do Paraíso...

— Pois sim, mas vão mais depressa, por isso, à doutrina, do que vêm à missa!

— Hoje têm desculpa! A manhã estava tão fria!

— Pois é! Por causa dessas desculpas é que eles estão tão malcriados!

— Depois, estão cansaram-se tanto na caminhada até o cemitério, por causa do enterro do Alípio...

— Realmente, por causa de uma criança de dez meses, não havia necessidade de se mobilizar meia cidade, no funeral, e fechar o comércio todo, como se fosse dia santo!

O prior, com todo o respeito a que a sua irascível e rica parquiana o obrigava, por motivos óbvios, não pôde, porém, reprimir

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									

HORIZONTAIS: 1 — Estrelinha tipográfica; moedas; 2 — Pron. demônica; fastidiosos; 3 — Nota musical; stolo; 4 — Eucledio; pron. pess.; contr. prep. e art. (pl.); 5 — Art. def. (pl.); letra grega; sílaba; 6 — Turaz; aquelas; 7 — Rio português; art. (pl.); arma branca; 8 — Aqui; interj.; variação; 9 — Relativo ao uso; exposição simbólica dum facto; 10 — Fronteiras; mercê (ant).

VERTICAIS: 1 — Veio metálico nos minerais; ave de rapina; 2 — Ajetado; degradação moral (fig.); 3 — Nome do letra (pl.); crédito; nota musical; 4 — Cont. prep. e art. (pl.); letra grega; interposta; 5 — Ovívido; nome de letra (pl.); 6 — Nota musical; ensaio; 7 — Conj.; carta de jogar; certa; 8 — Pender; pref. de negação; 9 — Nome masc.; respeito; 10 — Apareces; tratamento que se dá às freiras.

Solução do problema de ontem:
HORIZONTAIS: 1 — Baloi; solar; 2 — Agir; suno; 3 — Iram; cal; 4 — Lá; atila; ré; 5 — Sou; ora; 6 — Mú; rei; im; 7 — Mimi; vás; 8 — E; tabos; lá; 9 — Pone; cas; 10 — Opor; Ida; 11 — Baloi; omis.

VERTICAIS: 1 — Baloi; repór; 2 — Agre; sopa; 3 — Fia; som; sol; 4 — Irmão; hero; 5 — Turma; 6 — Fui; bom; 7 — Louro; 8 — Oscar; assim; 9 — Lau; ala; 10 — Agr; lido; 11 — Romão; raras.

um impulso de indignada repulsa, ante a evidente inveja de uma dama reciosa de que o seu funeral merecesse menos concorrência, do que o do pequenino, que comoviera, na véspera, a cidade inteira.

Por isso, o sacerdote observou: — O Céu precisava de mais um anjo, e escolheu-o no pequenino Alípio, esse petizinho, de uma vivacidade, de uma graça, de uma precocidade sobrenaturais, que já o mostravam como que predestinado para a corte angélica do Senhor. Se Alípio atingisse a idade da razão, seria, talvez, um rapadinho que, como o portostorido de Fátima, teve a honra inexcusável de ver Nossa Senhora; se chegasse a adulto, quem sabe se seria um candidato ao altar como, por exemplo, o meu contraneco Frei Bernardo de Vasconcelos...

— Mas, no Céu era preciso mais um anjo, e Deus chamou o pequenino Alípio, a quem a família, durante dez meses de ventura, chamava ternamente o Lica.

— Ora! — redarguiu, desdenhosamente, D. Casimira, assoando-se com estrepito. — Fantasia, sr. prior! Deus não ia escolher anjos nem santos à família da D. Irene...

— Uma modista que faz vestidos, de saias curtas e indecentes!

— É a moda, D. Casimira!

— A moda? Não! Se não havia avó cá voltasse e visse essas saias pelo joelho, nos tempos em que nem decente era mostrar-se o bico do sapato!

— É que a moda, então, preferia patentear os colos, num exaquer que hoje nem nos trajos, considerados mais escandalosos, se verifica!

— Seja como for! D. Irene vem à igreja, bem sei, mas, quanto a mim, não cumpre com os seus deveres religiosos como deve ser.

Veja se ela, que é modista, já ofereceu algum manto, a Nossa Senhora! E eu, o sr. prior, bem o sabe, já ofereci três, qual deles dos mais caros!

— Sei isso, minha rica senhora, sei-o bem! Mas, dê-me licença que lhe recorde que D. Irene, a quem a morte do filhinho, este recedido foi um golpe que a sr. D. Casimira, que nunca teve filhos, jamais poderá avaliar, ofereceu a Deus uma dádiva mais preciosa do que todos os ricos presentes de V. Ex.ª.

— É boa! Que foi?

— Já lhe conto. Sabe que eu, que tive a dita de, há dez meses, fazer cristão, na pia baptismal, o pequenino Alípio, fui também quem, com os olhos em lágrimas, espargi o corpinho frio, estendido no caixão, branco como a sua alma de lírio murcho, ceifado por uma doença cruel, que a própria ciência médica não conseguiu perceber qual tivesse sido.

— Foi eu que, depois, recebi, nos braços, o corpo, sacudido pelos soluços, de Irene a mater-dolorosa, a qual, nos primeiros momentos, a despeito do amor do marido, pedia a Deus que a levasse com o filhinho. Mas, de repente, a misericórdia dos ceus baixou sobre o coração da torturada rapariga e, como que num milagre, via-a reagir, animar-se, enxugar os olhos, encher-se de animo e dizer:

— E, daí, sr. prior, talvez seja pecado eu desesperrar-me assim... Nosso Senhor achou que o Céu era ponto mais próprio para meu filhinho, do que este triste mundo.

— Levou-mo... Seja feita a Sua Vontade... E eu, que nunca dei nada a Nossa Senhora, mais do que as vulgares moedas que ponho na bandeja, rogar-lhe-ei que aceite a minha mais cara dádiva: o meu filhinho, que em si encerrava todas as minhas esperanças do futuro, todas as minhas alegrias do presente...

— D. Casimira, não acha que a tocante oferta de Irene foi o óbolo mais precioso que, até hoje, um coração de mãe depositou no altar da Virgem?

A fidalga levantou-se, encolheu os ombros e redarguiu. — Ora!... A propósito do altar da Virgem, a falha do altar de Nossa Senhora da Caridade está rota. Vou-lhe mandar uma noval.

O prior inclinou-se e, sorrindo amargamente para a fidalga que já saía a porta do cártiro, agradeceu.

— Nossa Senhora da Caridade lhe pagará, D. Casimira, mais essa sua prova de devoção e de caridade...

PROF. OLIVEIRA GUIMARÃES

(Continuação da 1.ª pág.)
 porânea, o facto de ser português associava forçada e inevitavelmente o nome de Oliveira Guimarães. E um deles e dos mais notáveis, cujo nome não quero citar, não sabia se a capital de Portugal era Madrid ou Lisboa, mas sabia que Oliveira Guimarães era português...

Não é boa intenção, neste momento, compendiar a sua vasta e dispersa bibliografia, — que deverá ser reunida pelo muito de novo e actual que contém — mas referimo-nos à qualidade do seu actuar pedagógico, expressão das virtudes que ornar sempre a alma do educador autêntico. Na verdade, este mestre nunca foi um professor de saber rigidamente contornado e estabilizado, como muitos outros que permanecem ingloriosamente nas cátedras das escolas superiores. A sua acordada curiosidade pela vida e pelo que dela resumia em letra de imprensa não lhe permitiu, como professor, que dois dos seus cursos se parecessem um com o outro... O tipo de professor anquilosado em seu benta nunca pôde tomar presa sobre si. Mas se esta é realmente uma das virtudes principais do autêntico mestre, não se julgue, contudo, que a sua transiente estrutura espiritual se dilua no empréstimo da alma ao ultimo livro lido.

O Prof. Oliveira Guimarães, no seu ritmo infatigável de aprendizagem, procurava nova ordem que melhor incorporasse as verdades que sempre o nortearam como pedagogo e a melhor adaptação possível do ensino ao auditório, e de tal maneira que este, quando era

obrigado a prestar provas, sabia antecipadamente que ponco valia a apreensão de factos ou doutrinas quando não a acompanhava a compreensão funda e esclarecida dos seus fundamentos. A sua pedagogia não lisonjeava a mediocridade. Todos aqueles que foram seus alunos sabem como o seu ensino não tendia a desvirtuar a expressão formulaária em apelo constante para a descoberta das coisas, que as formulas sempre mascaram e, portanto, desfiguram. A sua intenção principal como professor não era «medir» o aprendizado, mas avaliar e valorizar o grau de compreensão e reflexão própria que a aprendizagem tinha propiciado. Não era o saber morto pelos tratados, misera que esconde a face das coisas, mas o desenvolvimento dos traços ocultos, mas significativos, que sempre lhe interessava.

Conciliando o prático e o teórico em todos os momentos da sua vida, organizou e dirigiu o maior colégio de ensino secundário que até agora tivemos; meditou e elaborou mais de dez reformas dos últimos anos, que viu com despojo serem deturpadas por realizadores apressados e incompetentes; planejou organicamente o nosso ensino primário elementar e complementário; redigiu um plano de novo liceu que continua à espera de melhores tempos; orientou e inspeccionou durante alguns anos o ensino particular a que deu uma estrutura mais de acordo com os interesses dos seus frequentadores; traçou a reforma do ensino técnico que em breve começará a vigorar; lançou as bases da futura reforma universitária e em especial das Faculdades de Letras, sem duvida a mais obsoleta e anacrônica das escolas do quadro universitário; e dirigiu, actualizando, os serviços importantíssimos da orientação profissional. Basta esta sumária indicação para se prever que, quando chegar a hora da estruturação pedagógica da nação — que infelizmente se está tornando tão tardia — será necessário percorrer com grande proveito as páginas dos três maiores pedagogos deste século: Jaime Moira, Adolfo Coelho e Oliveira Guimarães.

Associando-nos às homenagens justíssimas de que Oliveira Guimarães está sendo alvo, queremos, em nome dos seus discípulos de Coimbra e de Lisboa — e somos muitos em todos os graus do ensino — testemunhar-lhe o muito que lhe devemos, mas também lembrar-lhe que se nos deve alguma coisa que a nós nos deve em espírito junto do mestre leve, generoso e nobre pretende nesta hora de despedida, mas também de esperança, marcar em forma de compromisso: o livro que todos nós exigimos que nos ofereça para saldo da sua dívida.

ATENÇÃO FATOS DESDE 648\$00

EXECUÇÃO IMPEZAVEL. Vendas a pronto ou em

12 PRESTAÇÕES SÍCOL

Fundada em 1943
 R. S. Nicolau, 23, 3.º
 Telefone 31605

SALÃO EMBAIXADA

Rua Alexandre Herculano, 11-1.º-Esq.

IZAÍAS CABELEIREIRO

Pós de Keating

O rei dos Insecticidas. Embalagem de origem. Não se vende a peso. Agência: Rua dos Fanqueiros, 105, 1.º

Pêlos no rosto

Só se tem quem quer, pois todas as Senhoras os podem tirar a si próprias por processo eficaz, rápido e muito económico. Demonstrações grátis no SALÃO MARCEL — R. Garrett, 48, s/loja.

tempomatic
 SEGUNDO AO CENTRO

MOVADO
 MOVIMENTO PELOS VOSSOS MOVIMENTOS NATURAIS

Decoracoes Gerat's Lda
 JOAO S. IGLESIAS

em:

MOBILIAS DE ESTILO
 MOBILIAS RUSTICAS
 ESTOPOS E CORTINADOS

ESPECIALIZADOS EM CADEIRAS DE THEATRO E CINEMA
 MOBILIÁRIO AMERICANO PARA ESCRITÓRIOS
 MOBILIÁRIO TÉCNICO PARA CONSULTÓRIOS